

«Este foi o primeiro poema que escrevi de que me lembro de gostar. Sei que não devo ter propriamente escarrado em cima de tudo o que escrevi antes, mas este é o primeiro a que me lembro de voltar durante uns tempos, como referência. O regresso da ideia do título no fim, tipo punchline motivada narrativamente, rima interna e tudo, ainda hoje me agrada, mesmo sabendo que, entre a primeira menção do vapor e a última, aquilo é quase tudo parvoíce mística e mesmo com aquele «sem tirar nem pôr» a preparar tão pouco subtilmente o remate final. As reticências, vírgulas e apóstrofes metem-se-me pelos olhos a dentro da mesma maneira. Lembram-me de achar que tinha de controlar completamente o ritmo a que as coisas iam ser lidas, porque tinha

medo de que alguém não percebesse, e de achar que tinha de mostrar muito bem a toda a gente que sabia ortografia. Era uma altura em que eu tinha muito público. Não percebo porque é que não pus pontos finais. Quando fui ler os meus cadernos velhos à procura de um poema para aqui, percebi que atravesssei uma fase de grande amor por contradições. Estão em todos os poemas. A essa luz, «tentativas repetidas do pecado original» deve ter-me parecido um comentário brilhante sobre inovação e espontaneidade. Hoje, claro, parece só que não me andava a amanhar. Vocês não têm nada a ver com isso.»

Sebastião Belfort Cerqueira

*Building Steam With a Grain of Salt*

Barulho...  
 É tudo aquilo a que tenho acesso  
 Farto de 'tar trancado  
 Cercado p'lo universo  
 Tentativas repetidas do pecado original  
 Tentativas de construir vapor  
 Partindo de um grão de sal  
 A vontade é de vingança  
 E de voltar à aventura  
 Sonho e sigo desperto numa tontura  
 Não esperem nem desesperem  
 Já estive mais perto da loucura  
 Já estive perto,  
 Muito perto...  
 Vi-lhe a cor dos olhos, cheirei-a  
 Minha mente é maré cheia  
 E eu rebento na areia.  
 Depois fica só sal...  
 Sozinho, sem tirar nem pôr,  
 E eu aí já nem rebento  
 Mas tento construir vapor...

17 de Setembro de 2003